

**CEDI****Povos Indígenas no Brasil**Fonte: A CríticaClass.: Amazônia / GuralData: 27/10/93Pg.: 56

## Mulheres trocam cidade pela selva amazônica

Orlando Farias

As mulheres podem estar derubando uma das últimas barreiras no mercado de trabalho nacional: a atividade em plena selva amazônica. Inóspita, perigosa e 'pestilenta', segundo a visão que predomina no sul do País, a selva vem perdendo pouco a pouco a fama de ser o paraíso apenas de selvagens e um punhado de atirados aventureiros.

A cada ano mais mulheres estão desempenhando funções em plena floresta que há algum tempo eram, exclusivamente, ocupadas pelo braço masculino. Algumas delas como a geóloga mineira Venina Fonseca, 30 anos, funcionária da Petrobrás na bacia petrolífera de Urucu (AM), chefiam no meio da mata numerosas equipes de homens. Ao invés de buscar dentro da principal estatal brasileira um escritório em qualquer das grandes cidades, Venina tem orgulho de trabalhar na Amazônia.

"Sei que estou ajudando não apenas a abrir novos e importantes poços de petróleo como a abrir caminho ao futuro do País", diz a geóloga, casada cujo marido, também geólogo, mora em Belém do Pará, a quase 2 mil km de distância. "Temos uma vida normal, sem ciúmes", diz, revelando como devem agir os casais em tais circunstâncias. Venina trabalha 15 dias integrais na base de Urucu chefiando o departamento de geologia de uma das sondas da Petrobrás. O restante consome em Belém em convívio com o marido.

**Com os índios** - Outras como a enfermeira Francisca de Fátima

Neves Torres, 44 anos, nascida na cidade de Itacoatiara, chegaram ao extremo de adotar a floresta como a própria casa. Depois de conviver com os índios da Amazônia desde 76, Francisca já não se sente mais à vontade sempre que se desloca à Manaus para ver as duas filhas. Para não deixar dúvida de que se curvou ao poder da selva, as duas filhas ganharam nomes indígenas: Wayka, 16 anos, e Xidéa, 13.

Em 89, Francisca converteu-se na primeira mulher brasileira a chefiar um posto indígena na Amazônia e logo entre os guerreiros Waimiri-Atroari. A enfermeira dirige o posto Sumaúma, à margem do rio Curiaú, um subfluente do rio Negro. O marido, o indigenista Francisco Bezerra, um dos principais tradutores dos ianomâmis, vive entre o Amazonas e Roraima. "Nossos encontros são esporádicos mas o trabalho na floresta, as dificuldades, fizeram com que nosso casamento se tornasse cada vez mais forte".

A pesquisadora paulista Estela Lazarini, 30 anos, é ainda outra mulher que renunciou à agitação de uma grande cidade pelo trabalho pioneiro na região. Ela trabalha no Núcleo de Arqueologia e Ciência na Vila de Balbina, à margem do rio Uatumã. Sua rotina diária é cuidar de peixes-boi no aviário do Centro e ajudar arqueólogos a classificar os mais de 120 sítios resgatados na área inundada pelas águas represadas na hidrelétrica de Balbina. Sem saudades da cidade, Estela sabe que está mudando a própria paisagem do mercado de trabalho na Amazônia.